

# CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio He 40

Assinatura  
seis centos réis  
por anno

DA  
Direcção do Collegio de S. Dâmaso

Redacção  
E. de S. Dâmaso  
Guimarães

Summario: Harmonias da Nossa Crença, Padre F. J. Patricio—O Missionario, A. Moreira Bello—As Duas Patrias, A. Moreira Bello—Ninharias, José d'Azevedo e Menezes—O Philosopho, F.—Meditações, P.º Antonio Hermano—Boletim do Collegio.

## BOLETIM DO COLLEGIO

### Exames

Approxima-se o tempo a requerer. Os collegias sensatos que não am ao seu dever terão o merecido prostrarão a seus exames com todas as probabilidades de exito. Os outros, coitados, terão um go muito doloroso: serão excluidos.

Alguns alumnos, coitados ás vezes por suas familias, que elles têm artes de illudir, teimam em requerer mesmo contra o voto de seus professores. E' um erro grave: em geral, colhem a merecida reprobção e se algum raro tem a sorte de passar, nada lucra, porque fica ignorante e portanto com um preparatorio de menos, e soita-se a continuar a ser preguiçoso, a jogar sempre com a sorte e a pôr em riscos constantes a sua carreira litteraria. Insisto pois em que vão erradamente os que osam apresentar-se a exames sem as devidas habilitações.

### Para a festa de S. Luiz

Alguns socios, á imitação do que têm feito nos annos anteriores, lembram-se de angariar algumas prendas e promover um *leilão* para occorrer ás muitas despesas da festa de S. Luiz. E' bem entendido: d'essa forma, sem sacrificio de ninguém e só com a boa vontade dos mais dedicados, obtense-ha um valioso auxilio.

— Dizem que na vespera da festa haverá uma *sessão solenne*.

— A formosa *Banqueta*, producto da subscripção escolar d'esto anno, estará prompta para servir na festa.

### Lista honorifica

#### Merito Literario:

Serafim de Lima (Latim, 15).  
M. Lopes Leite (Latim e Historia, 17).  
Antonio Peixoto do Amaral (Literatura e Historia, 15).  
Altino Maia (Historia, 17).  
José Figueiras (Portuguez, 15).  
Amandio Freitas (Instr. Prim. 10).  
Armando Mauricio (Inglez, 15).  
Manuel Sol (Historia e Latim, 17).  
Abilio Antunes (Historia e Latim, 15).  
Elias Gomes (Geographia, 15).  
Arnaldo Cruz (Historia e Latim, 16).  
Alberto Sampaio Bastos (Litteratura, 15).  
Ubach Respeita (Geographia, 15).  
Abraão Mauricio (Geographia e Inglez, 15).  
Albano Machado (Instr. Prim., 15).  
Manoel Alves Ferreira (Portuguez, 15).

#### Merito Moral:

Sousa Moreira, 18 (Maia).  
Domingos Fernandes, 16 (Guimarães).  
Manuel Antunes, 15 (Villa do Conde).  
João Queiroz, 15 (Louzada).  
Marques Braga, 18 (Braga).  
Peixoto Azevedo, 16 (Felgueiras).  
Albino Maia, 18 (Villa do Conde).  
M. Lopes Leite, 20 (Felgueiras).  
Portella Vidal, 15 (Ancora).  
Albano Lopes Leite, 20 (Felgueiras).  
Gonçalo L. Leite, 20 (Felgueiras).

José Carneiro Leão Q., 47 (Paços de Ferreira).  
 Altino Maia, 20 (Maia).  
 Abel Torres, 15 (Guimarães).  
 Amândio Freitas, 45 (Louzada).  
 Fernando de Vasconcellos, 48 (Villa-Meã).  
 Manoel Sol, 48 (Maia).  
 João Miranda, 15 (Porto).  
 Henrique Miranda, 45 (Porto).  
 Vieira de Castro, 15 (Fafe).  
 Abel Mesquita, 45 (Porto).

### Carteira

- As férias principiam no dia 10 de abril. A volta é no dia 22.
- Nos boletins fazem-se ás Ex.<sup>mas</sup> familias algumas recommendações importantes.
- O estado sanitario continuou excellente.
- A frequencia, a mesma: 460 internos.

### Associação de S. Luiz

—Realizou-se a 30 d'abril a sessão mensal. Occupava a presidencia o rev. Hermano Amândio. Lida a acta, foi pedida pelo socio Abel Mesquita uma bem entendida rectificação.

Em seguida o m. d. Presidente Nato leu os estatutos que fora auctorisado a reformar. Tres são as principaes alterações introduzidas:—

1.<sup>a</sup>—A Associação será denominada—*Associação de S. Luiz e de Santo Antonio*.

Como consignaço de patriotismo e adhesão á magnifica celebraço centenaria que se está preparando, parece-me bem entendido. E os dois santos que assim ficam associados n'uma firma educadora terão ainda sufficientes cuidados: S. Luiz—a sublimação da virtude—chamará ao bem os corações de tantos socios não raro vencidos pelo demonio do mal: a Santo Antonio — a eloquencia melodica—ficará a missão de patrocinar as academias literarias.

2.<sup>a</sup>—A substituição d'uma quota determinada e obrígada, por outra indeterminada e voluntaria, para as despesas da festa annual.

3.<sup>a</sup>—Fixar para o principio do anno lectivo a eleição da meza.

Esta é uma medida necessaria. Só no principio do anno lectivo é que se pode saber quem frequenta o collegio e quem portanto pode ser eleito.

Como são importantes estas modificações, propoz o rev. H. Gomes que só na sessão seguinte fossem postas ao voto da Assembleia.

Fallaram os seguintes collegiaes:—

*Abel Mesquita*, com muita distincção, sobre o vicio do *Jogo*. Conceitos felizes e quadros caracteristicos.

*Luiz Martins* disse um bomto discurso sobre o valor do estudo e da sciencia.

*Seraphim de Lima* versou com notavel correcção o valor d'uma boa direcção intellectual.

*Antonio Torres* estreitou-se muito esperançosamente fallando por alguns momentos sobre a necessidade da religião.

A sessão esteve muito animada e os oradores oram applaudidos. Durante ella a

### Estudantina

executou *O hymno de S. Luiz—Depois de ferias* (mazurka)—Preludio da Opera *Um baile de mascarar* (ao piano por José Torres)—*Valsa Dolores—Hymno de S. Luiz* (final).

*Executantes*: José Ribeiro, Albano Mesquita, Arrochella, Arlindo Martinó, Marques Braga, Accacio Jorge, Henrique e Alberto Marinho, Francisco Oliveira, Gaspar Guimarães.

Muitos applausos, sobretudo á mazurka *Depois de ferias*.

### Os estudantes nomadas

Ha ordinariamente nos estabelecimentos de instrucção, já livres, já officiaes, uma fracção fluctuante, que constitue porque assim o diga, a tribu nomada da instrucção.

Esse grupo de alumnos, que não é por certo a *élite*, está sempre descontente e olha muito de revez para seus mestres e superiores, que afinal, por via de regra, não fazem senão estima-los muito e têm todo o interesse em lhes ser uteis. Almejam por tentar outros ares, outras fortunas, outras casas em que o alimento da instrucção e da educação lhes seja de mais facil digestão.

Mas a graça é está: os que não podem levar correcta e alegremente a vida n'uma casa d'educação, não a podem tambem levar em geral em qualquer outra, embora a phantasiam um paraizo.

A triste verdade é que as mais das vezes esses nomadas são vasios de intelligencia ou *cabulas* de profissão.

Na verdade os bons, os intelligentes, os applicados, os que valem, têm a estima e o applauso de quem por elles vela: com elles não ha jámais recurso ao castigo, não encontram motivo para o descontentamento, vivem entregues ao cumprimento do dever, satisfeitos de si e de todos, e olham para os superiores com a suavidade amovavel do respeito e da estima.

A esses, aos bons, nunca surgirá n'alma o enfado e o desejo de emigrar.

Por isso os que emigram raro deixam pena; alivio sim.

## HARMONIAS DA NOSSA CRÊNÇA

---

(EXCERPTO D'UM SERMÃO)

Ao ponderar a grandeza das maravilhas do mundo physico e ao meditar nos esplendôres edificantes do mundo moral, uma corrente poderosa me enleva e arrasta para o oазis d'uma piedade, que tanto mais consola, como balsamisa.

Eu não sei o que é mais admiravel no mundo que habitamos, se a magestade dos mares, se o aspecto imponente das montanhas!

Nos mares rolam as ondas em ceruleo estendal sem fim, alteam-se as vagas n'uma lucta titanica e continuada; aquella incommensuravel massa d'aguas cobre com o seu ingente volume insondaveis abysmos onde se geram monstros e desencadeiam combates temerosos nos sêres que alli se desenvolvem; nas profundezas ha flôrestas que os nossos olhos não alcançam e existem allí thesouros que a nossa ambição não logra conquistar: vêmos apenas a face immensa do grande oceano, que espelha a luz dos astros e dá elemento ao desencadear das tempestades, assombroso, grande e formosissimo!

Nas grandes cordilheiras que encrespam a face do globo e ostentam a variadissimas silhueta das montanhas, a nossa vista alonga-se n'um ancian infindo. As revoluções geologicas que produziram aquellas irregularidades do sólo, indicam-nos o que ha de calóricos que se desenvolvem e refervem, de gazes que se dilatam e accumulam no amplissimo seio da terra.

Por fóra, ha vegetação variada, ha as ribeiras e os valles, as moles graniticas orlam os abysmos e guarnecem as eminencias; por dentro, as riquezas minerias teem os seus jazigos nos mais fundos recéssos. O sol tambem alli estende os seus raios e as nuvens projectam a sua

sombra como no espelho dos mares; as neves estadeiam algidas e luzentes de candidez sem comparação e de alvura sem limites; as tormentas encontram alvo resistente aos impectos do raio e ao deslocar das avalanches!

Os abysmos do mar e a eminencia das montanhas impõem-se á nossa admiração por um modo superior, que nos enleva e delicia, que nos domina e avassalla!

E' perante esses espectaculos ingentes do mundo physico que o nosso espirito naturalmente se alteia á idéa de Deus: das montanhas ergue-lhe o throno, da face dos mares levanta-lhe o regio pavilhão e do anil dos céos faz-lhe o docel matisado d'estrellas; as róseas côres da aurora matizam este quadro, os vulcões são o insensorio, o sol é a alampada, a corrente do vendaval que atravessa as florestas engendra o côro d'harmonias á mistura com ondas de perfumes que a primavera alli deixou, e tudo nos extazia e deslumbra!

Porque não hei-de adorar-te, oh Deus, que déste áo meu espirito as forças com que comprehender a grandeza das tuas obras, e ao meu coração a doçura para amar e venerar a tua infinita magestade! . . .

Quando, pois, assim pondéro a grandeza e magnanimidade com que a omnipotencia liberalisa tantos beneficios na acção providencial com que dispôz as forças da natureza, patenteia-se deante de mim esse quadro sempre vivo e deslumbrante das maravilhas da terra, que é escabello dos nossos pés e esse horisonte onde reluzem os mundos sideraes, que são as decorações d'esse amplissimo templo em que o homein adora, venera e reverencia o seu Deus!

Terra e céu decantam o seu louvor em um eterno poema, os mares e as florestas, as montanhas e os valles repetem os canticos da sua gloria!

O nosso espirito extazia-se em reconhecimento á omnipotencia, que tudo dispôz com infinita sciencia: o nosso coração dilata-se em dedicações affectuosas pela

providencia eterna, que tudo abrange com os esplendores indefectíveis da graça: eis-nos conduzidos nos braços da fé aos páramos da mais fecunda piedade!

Agora o mundo moral. — No meio de todo este movimento social, ao lado da industria que vigorisa os povos e do commercio que os relaciona, ao par das instituições que são elementos de progresso e das conquistas da sciencia que formam os mais bellos florões de civilisação, ergue-se como imperiosa necessidade, como principio d'ordem e segura garantia da tranquillidade publica e do bem-estar para a consciencia, a necessidade da crença religiosa, esse balsamizante conforto no meio das nossas luctas, esse prodigioso incentivo das acções mais nobres e generosas.

Deixemos á pertinacia com que uma falsa philosophia tenta arrancar o homem do conforto que lhe dão as inspirações da sua fé! Deixemos-lhe esse ephemero triumpho que a impiedade conta haver alcançado no coração de algumas celebridades da incredulidade, e vejamos serenamente como são ponderosas as razões que avivam a nossa crença e fortalecem o sentimento religioso, origem de todo o bem-estar social.

A inspiração que mais alto ergue o genio na expressão das maravilhas da arte, não achou ainda até hoje uma fonte mais pura e mais sublime. A sciencia que se illustra nas revelações da verdade, já desvendando os arcanos do passado, já orientando as esperanças do futuro, inquirindo os mysterios da natureza e apropriando ao nosso bem as forças que n'ella encontrou emanentes, não achou ainda horizontes mais lucidos do que os que lhe proporciona o espirito de piedade que mais fecunda a razão humana. A sociedade na sua carreira atravez dos seculos ainda não pode reunir mais valiosos elementos de civilisação que tanto lhe aprimorassem os brios e fecundassem os seu evolucionar benefico, como esta estancia de paz onde se revigorisa

o caracter e a vontade, proporcionando o manancial de graças só proprias d'uma religião do amor universal.

O trabalho que as benções do céu transformam em sacerdocio dignissimo, a familia que a santificação do lar domestico torna sacrario de puros affectos, a generosidade de sentimento que se eleva á glorificação dos maiores sacrificios, o direito que se funda no bem common e a harmonia social que reune os homens n'um vinculo de santa fraternidade e sob a influencia d'uma aspiração unica e luzentissima, que é Deus: tudo isto o que é senão o exercicio d'essa força sempre activa e fecunda que une os homens entre si e Deus com os homens, sociedade mystica e admiravel de que depende a nossa felicidade e ultimo destino.

Os males que a adversidade desencadeia e as desventuras que a desgraça congloba na pyra ou no pôtro dos soffrimentos que constituem o martyriologio humano, tudo se dissipa deante d'esta caudal de beneficios e consolações, que a crênça espalha e que a religião dôcemente vem distribuindo.

Fóra d'esta esphera, todo o desalento opprime e todas as hesitações flagellam ; dentro d'esta muralha espiritual com que somos resguardados, todas as dôres encontram allivio e todas as feridas acham um balsamo.

Desprender o homem de tudo quanto é fraqueza, e eleva-lo para um horizonte moral mais alevantado, onde elle respira livremente no meigo ambiente das suas aspirações e descança no edificante oázis da sua fé, tal é o grande cuidado e prestigioso effeito dos ensinios e praticas da religião !

Porto 1895

*Padre F. J. Patricio.*

---

O MISSIONARIO <sup>(1)</sup>

---

Era tempo de ferias. Grupo alegre  
De moços irrequietos e gentis  
Tinha bello passeio organizado,  
Que promettia ser grato e feliz.

Formosa a aurora rompe auri-rosada,  
Do mais brilhante sol nuncia fiel;  
Vae o rancho partir, de leve almoço  
Cada qual sobraçando o seu fardel.

Subito, eis surge sacerdote estranho,  
De venerando aspeito e doce olhar,  
Que deseja na rustica egrejinha  
A sacrosanta missa celebrar.

No mesmo instante, piedoso joven  
Se retira do bando jovial,  
Ao passeio gostoso renuncia,  
E ajuda ao sacrificio divinal.

Mais tarde, revelado lhe é que esse acto  
Arrehatara o coração de Deus:  
Ardente missionario, morre martyr,  
Indo a corôa receber nos ceos...

O missionario... vulto magestoso!  
Na alma divino sopro lhe inspirou  
Da abnegação e do heroismo a flamma,  
Com que ignotos prodigios operou.

Em tanto que da infancia descuidosos,  
Como da edade é proprio, os socios são,  
Elle já no porvir os olhos fita,  
Presentindo a celeste vocação.

Após, d'elle se apossa o enthusiasmo;  
Brilha em seus olhos vivido fulgor;  
Sente no seio o ardor do sacrificio  
Ao bem das almas, gloria do Senhor.

---

(1) Poesia recitada n'uma academia do Seminario do Porto, por occasião do centenario henriquino.

O' mãe, que da piedade a recompensa  
Em filho tão grandioso e egregio tens,  
Dize: ter filho que a Verdade ensina,  
Todos da terra não excede os bens?

Oh! e que campo immenso ao zelo se abre  
Do operario incançavel de Jesus,  
Que de suor e vivo sangue o rega,  
Para plantar n'elle a arvore da cruz!

São de Africa, Asia, America, Oceania,  
Rebanhos sem pastor, fóra do ovil?  
A levar-lhes a vida corre, vò  
O apostolo, atravez de mortes mil!

Louvor ao claro Infante, inclito Henrique,  
A quem o amor da patria, o ardor da fé,  
Alta empreza inspirou, que glorioso  
Brazão da humanidade inteira é!

Louvor ao nobre Principe, que, as portas  
De terra ignota abrindo, a ingente grei  
Deu que levasse o santo missionario  
O amor, a salvação—de Christo a lei!

*A. Moreira Bello.*

---

## AS DUAS PATRIAS (1)

Duas patrias a alma encerra  
 Nos doces amores seus:  
 A cara patria da terra,  
 A santa patria dos ceus.  
 No seio do christianismo,  
 Entre ellas antagonismo  
 Não ha. mas intima união,  
 Indissolúvel alliança,  
 Misto de amor e esperança,  
 Que enche e alenta o coração.

Lacordaire, esse portento,  
 Enorme a'hleta da cruz,  
 N'este grato pensamento  
 Derramou fulgente luz:  
 E' do tempo a nossa egreja  
 Esta patria, em que veleja  
 Nossa nave terrenal;  
 E a egreja, mãe pura, terna,  
 E' a nossa patria eterna,  
 Cidade celestial.

Se mais ampla a orbita d'esta  
 Que a d'aquella a razão vê,  
 Em ambas se manifesta  
 Um só centro, que Deus é;  
 O mesmo asylo,—a consciencia;  
 Interesse, um só na essencia,  
 —Justiça; os mesmos tambem  
 Os cidadãos,—corpo e alma  
 De seus filhos, cuja palma  
 E' só do tumulo além

Ao nobre Infante honra e gloria  
 Que essas patrias tanto amou;  
 Que, se á patria transitou ia  
 Fama e grandeza alcançou,  
 Pela perpetua sentindo,  
 No piedoso seio, infindo,  
 Insaciavel ardor,  
 Buscou e achou terra immensa,  
 Onde refulgisse a intensa  
 Luz da fê do Redemptor!

*A. Moreira Bello.*

(1) Recitada no Seminario do Porto, por occasião do centenario henriquino.

## NINHARIAS

---

### Pelo meio dia da França (1)

—Devia gabar tambem o vinho verde, a orelheira de porco com feijão branco e mais a brôa dos lavradores minhotos,—tratamento de engorda dos nossos bons provincianos tão pançudos como refractarios ás cousas de bom gosto. Vã la fallar a um minhoto nas bellezas de Paris, em tudo isto que estamos vendo, e que vamos ver! . . . Para esse pobre homem o que ha de bonito n'este mundo vê-se lá em Braga: é o S. João da Ponte, o rei David a dançar, a illuminação do *picôto*, a estalada dos foguetes, as esturdias e as comesainas, a fresca de frondozas carvalheiras. Assim nos atenazava com estes ditos galhofeiros A. de M., tornando a contar as libras, e morto por gastar algumas nos bazares do *palais royal* e em passeatas pelos *boulevards*.

Entretanto o comboyo ia-se aproximando rapidamente das margens do *Garone*, que banha a cidade de *Tolosa*, aonde batemos ás 6 horas da tarde. E' bonita e assejada como todas as cidades francezas, e teve os seus tempos aureos na remota antiguidade. Possuiram-n'a varios povos até que a saqueou Quinto Scipião, depois batido pelos *Cimbros*,—uma tribu dos povos germanicos. Pelos modos, a phrase *proverbial*—*ouro de Tolosa*—, para significar riqueza que traz desgosto, vem dos latrocinios commettidos por aquelle consul romano, duramente castigado pelos barbaros que invadiram as *Galias*. Em *Tolosa* reinaram os duques d'Aquitania, e Philippe, o bello, estabeleceu alli o parlamento. Esta cidade foi tambem a Capital do governo do *Languedoc*. Em

---

(1) Continuação do que fica publicado no n.º 4, da 2.ª serie, pags. 65.

abril de 1814 feriu-se nas visinhanças de *Tolosa* uma batalha entre Soutl e Lord Wellington, a qual ficou *inde-ciza*, dizem os francezes; mas outros contam que elles levaram para tabaco... Averigue o caso o leitor enfa-rinhado nas glorias do exercito luso-anglo. Feita a nossa visita á Cathedral e a outras egrejas, aos museus e á bella praça — Lafayette, — abalamos no dia seguinte (12-5-1877), ás 3 horas da tarde para *Marselha*. Durante a viagem de quatorze horas, que tanto nos levou a vencer a distancia que separa as duas cidades, de tarde e ao romper do dia seguinte, regalamo-nos de ver essa região *du midi*, coberta de vinhedos floridos, esmeradamente cultivados.

Um silvo demorado da locomotiva, que avançava por entre a casaria, cortada aqui e acolá de jardins e pomares, annunciou-nos que estavamos ás portas da grande cidade do Mediterraneo.

Minutos depois parava o comboyo: eram 6 horas da manhã. Marselha é o melhor porto da França, e tem tresentos e tantos mil habitantes.

A cidade tem bellas ruas, amplas praças e alguns monumentos notaveis; mas é pesada e monotona como todas as grandes cidades commerciaes. Não tem esses encantos e attractivos das capitaes europeias, em que o prazer e o bom gosto se communicam a todos os estrangeiros que as visitam. Apesar d'isso, ouvi lá esta phrase: *se Paris tivesse uma Cannebiere, seria uma pequena Marselha*. Uma espanholada, como cá se diz. A rua d'aquelle nome é realmente bella e a melhor da cidade, mas quanto mais bonitas as tem Paris!

A antiga *Massilia*, occupada ainda hoje pela colonia grega, não prima pela sua elegancia e limpeza.

Ha 600 annos, antes de Jesus Christo, epocha em que se diz fundada, talvez fosse mais linda e assejada.

A cathedral bysantina e outras egrejas, que visitamos, não são muito para admirar, tendo-se já visto as de Hespanha, e indo se ver as da Italia. Vale, porem, a

pena subir até á ermida de *Notre Dame de la Garde*, em logar emiunente do qual se descobre a cidade inteira. Bello ponto de vista!

Dado um largo passeio de carro a começar na *rua de Roma*, atravez da praça *Belzunce*, cuja estatua ao centro recorda as obras de caridade do piedoso bispo d'este nome, e d'ahi á *porta do Triumpho*, pelo *prado até ao mar*, ao *jardim zoologico*, aos *museus* e a *Long-Champs*, tem o visitante visto o que ha de melhor em Marselha.

Lá nos mostraram o *Castello d'If*, em que esteve prezo Mirabeau, cujo nome nos lembra a revolução franceza com todos os seus horrorosos crimes, praticados ao som da *Marselhezn*, composição d'um padre para um fim bem differente d'aquelle, que lhe deram os desalmados revolucionarios.

Ao tempo da nossa estada em Marselha era alli nosso consul o D. Santhiago Garcia y Mendoza, um gordo e azougado espanhol, que appareceu em Guimarães, ahi por 1846, dizendo-se general carlista; e contou-se n'aquella epocha que alguns fidalgos da velha cidade de Affonso lhe beijaram a mão, julgando ser *aquella arrogante figura* a do rei D. Miguel disfarçado! Fomos visitar o espanhol, que nos recebeu affectuosamente. Elle era muito nosso conhecido das noites do Porto, passadas annos antes na nossa morada em alegre convivio com varias senhoras e cavalheiros, entre os quaes se distinguia o D. Santhiago, cantando ao piano com a D. Rosa Calainho. Que duetos aquelles! Os caturras do volta-rete, entre a pitada e a licença, applaudiam ruidosamente esses encanecidos cantores de *malaguénas*, a quem os desgostos da vida, já no pendør da velhice, não embotaram a paixão pela musica nem pela arte de agradar nas salas.

Lembro-me agora com saudades da santa mulher do D. Santhiago, a D. Emilia Correia, que fõra uma belleza de grande nomeada. Podia ella ter escolhido marido

mais rico e claramente nascido, mas não encontraria nenhum homem como este, a quem se deu, á volta dos trinta annos, de trato mais primoroso e de prendas tão variadas. A bondoza senhora, que tudo lhe sacrificou, foi um modelo de resignação e de virtudes christãs na estreiteza de meios em que sempre viveu. A penna heruada de Camillo tentou infamar-lhe a memoria, mas quem ler essas negregadas paginas da «Maria da Fonte», revolta-se contra o grande escriptor, que não soube respeitar o nome da fidalga da Azenha, cujo amor pelo marido se diluiu em lagrimas!

O P.<sup>o</sup> Bernardino, que ouvira fallar ao nosso Consul em couzas más de Marselha, e por ideias associadas na revolução franceza, julgou-se em terra de herejes, e começou logo a fallar na retirada,—que já não havia mais nada que admirar alli.

—Ha sim, sr., acudiu um do grupo.

—O que!

—Os cocheiros e as cavalgadas. Olhe esta de grandeza descommunal como tira valentemente esse pesado carro.

—Temol-as lá, em Portugal, d'outra especie de igual tamanho, disse do lado um amigo, opinando tambem pela nossa partida immediata para a Italia.

E os barbeiros? São limpos de mãos, e aqui fica uma prova. Tendo entrado A. de M. na loja d'um para se barbear, á sahida deu pela falta d'um anel d'algum valor, e voltando atraz viu-o em cima do lavatorio, e o homem da casa afflicto por não saber a morada do adventicio freguez. Honrado barbeiro, muito obrigado.

No dia seguinte (16-5-77) largamos para a fronteira de Italia no comboyo das 6 horas e 40 minutos da manhã. A viagem correu alegre e animada de bom cavaco, obrigado ao ponto do nosso objectivo:—ver o papa, e admirar as bellezas do paiz classico das artes. Poucas horas faltavam para lhe pisarmos a fronteira. Para alem de *Toulon*, cidade fortificada em que a França tem o seu

melhor estaleiro, a via ferrea corta por *Comes a Nice*, o refugio dos doentes de todo o mundo, e estação de delicias, em que a vida mundana se espande nos mais extraordinarios e exquisitos divertimentos. Aqui nasceu o celebre general Massena, *l'enfant chéri de la victoire*, como lhe chamava o grande imperador, não obstante a bôa tarefa que apanhou do exercito luso-anglo. Oh francezes!..

Um dos lanços mais bellos dos caminhos de ferro da Europa é esse que se estende de Niza até á fronteira italiana, ao longo da Costa do Mediterraneo, em viaductos e rampas sinuosas, lavadas pela branca espuma do mar.

A formosa cidade assenta docemente no fundo de verdejantes collinas, em que destacam lindissimas casas de variado gosto, entre laranjaes e jardins que bordam a linha ferrea; e lá ao longe, fechando a linha do horizonte, e já sob o ridente ceu de Italia, descobrimos á luz esbatida do sol poente, a larga e azulada cortina dos Alpes.

Vimos ainda de relance a linda cidade do principado de *Monaco* sobre rochedos, sobranceiros ao mar; e mais adeante *Monte Carlo*, ponto de reunião, tristemente celebre, de jogadores e de vadios ricos. Era já noite, quando o comboyo, afrouxando a marcha, nos deu rebate com apitos successivos da nossa entrada no bello paiz do Lacio.

*Ventimiglia, Ventimiglia!* bradaram os empregados da estação, em que paramos, ás oito horas e meia. Cà fora, à porta do hotel em que pernoitamos, um grupo d'artistas tocávam violinos e bandolins. Auspiciosa entrada na terra classica das bellas artes e dos grandes homens.

*Alma parens, magna virum, Salve!*

*José d'Azevedo e Menezes.*

## O PHILOSOPHO

---

Ei!-o, o filho dedicado de Minerva, no ardente laboratório da sciencia, á banca do estudo. Avassalla-lhe as faculdades a solução demorada e difficil de intrinca-do problema. Immo-vel, silencioso, passeia a vista vagamente, mas com ancia, por sobre o papel branco, que será o privilegiado confidente de suas lucubrações. Nenhum pensamento estranho ocorre ousadamente ao seu espirito preocupado. E'-lhe indifferente tudo o que em torno se passa. Não experimenta alegria; mas em seu coração é vedado ingresso á dôr. Está enlevado em profunda reflexão. O seu cerebro dilata-se, revolve-se e fermenta por entre pesadas sombras o germen da almejada conclusão. Para esse ponto menos escuro, que, qual indeciso vaga-lume, se lhe afigura brilhar na escuridão medonha dos principios, convergem precisamente todas as suas atenções.

De subito uma onda escura desvanece-lhe a fagueira illusão. A vista enganara-o. Uma cruel e amarga decepção tenta aniquilar-lhe a robusta esperança. O tenue e mal definido raio de luz que se fizera em seu espirito, depressa foi apagado pelo inoxoravel e frio sopro da logica.

Vagueia duvidoso em meio de caliginosa cerração. Anceia via mais segura : houvera-se por ventura illudido com a saída do emmaranhado labyrintho. De repente crê ter descoberto um meio remoto entre os principios. Assoma-lhe ao coração uma luminosa e sorridente esperança. Uma nuvem, porem carregada e temerosa surge no horisonte e lhe rouba à vista a acariciadora visão. Ainda as crueis exigencias da logica lhe embargam o passo. As difficuldades multiplicam-se prodigiosamente. O dubio clarão, que, momentos antes, como subitanea estrella cadente, brilhava no ceu vago e immenso da sua

razão confusa, restituiu-se rapido á negra escuridão, d'onde promanara: e o philosopho ficou mergulhado na mais temerosa e opaca caligem.

Outro, que não fôra estimulado de tão decidido e ardente empenho pela sciencia, teria fragilmente cedido ao desanimo. O philosopho não desespera. Mais alguns momentos de reflexão, mais alguns esforços, e a verdade se apresentará revestida de todo o seu esplendor. O accesso ao seu fulgorantissimo e sublime santuario, compensará prodigamente as fúdigas supportadas para o alcançar.

A noite pode ser longa, cheia de tempestuosas agitações, alumiada, mesmo, a espaços, pela lugubre e assombrosa claridade do raio; mas a festiva e encantadora aurora ha de raiar. A borrasca poderá então continuar; mas não será bastante toda a sua violencia para inteiramente eclipsar a vivificante luz que o astro do dia derrama sobre o universo.

Assim raciocina o obreiro da sciencia. E' em tal esperanza que elle baseia a sua persistencia.

Que lhe importa o trabalho, as vigílias, as privações? A sua alma embebida nas lides tormentosas do estudo, espera, ao fim, delibar suavemente o nectar inefavel dos prazeres puros da sciencia. Nem lhe dá cuidado o que no mundo attráe as atenções desvairadas dos homens: os prazeres, após que tantos insensatos correm, são nada, para o philosopho.

Talvez elle, espraiando-se ousadamente pelas incomensuraveis regiões da methaphysica, qual aguia temeraria e insoffrida, equilibrando-se nas frageis azas da sua razão, pretenda subtrahir ao abysmo das ideias puras uma illação importante. Quererá devassar as leis do universo, desvendar mysterios da natureza. Talvez que o problema que lhe prende a attenção venha, mais tarde, a ser de grande alcance para a economia humana.

Eil-o absorto, extasiado transportado acima de si mesmo: parece que para elle o mundo dos sentidos des-

appareceu. Ao vê-lo dil-o-hieis uma figura escultural de tetrico effeito: tão abstracto elle está de tudo que não seja a ideia impiedosa e cruel que lhe cança a intelligencia. Vive no empyrio das concepções sublimes, arrebatado do mundo das vaidades, pelo amor da verdade.

Mas eis que, por entre as brumas cerradas, que ve-lam a seus olhos martyres o objecto anhelado, o termo suspirado das suas aturadas lucubrações, se cõa uma claridade animadora. E' a aurora ridente que precede o cõruscante sol da verdade. As auras suaves da reflexão vão dissipando o negrume que o envolve. O dia aproxima-se. Os raios do sol começam a illuminar phantasticamente os topos elevados das serras. Vão descendo. em breve a planicie é inundada pela sua luz. E o arrojado espirito que tão pacientemente esperou esse momento feliz é agora embriagado pelos seus magicos fulgores.

Então não são linguas humanas as que podem descrever a satisfação pura, o prazer intimo e ineffavel, que dominam o coração do homem do estudo. Não ha côres para matizes tão variados, não ha pincel para tão espaçoso e sublime quadro. A verdade procurada com tanto afan, e purificada das escorias do erro no cadinho rubro do lidimo estudo, são o lume em todo o seu brilhante resplendor, em toda a divinal pureza do seu character immaculado.

A voz da fama transporta com a velocidade do raio até aos confins do universo, e a historia perpetua em seu augusto sacrario, atravez das gerações, a importante descoberta que o obscuro mortal elaborou no silencio do seu gabinete.

As benções dos homens cahem liberalmente sobre o feliz espirito que alcançou tão salutar concepção.

E' a corõa dos trabalhos do sabio, a consolação suprema do philosopho:—o bem de seus semelhantes no puro amor da verdade.

## MEDITAÇÕES

---

### *A alegria.*

Canta como as cotovias nas madrugadas vernaes.  
Como nas azas soltas do zefiro voam os perfumes dos jardins, vòa ella nas radiações do espirito.

E' sonora como os festiuis de nupcias. Como a aurora, veste-se de luz.

No seu regaço palpita em nuvens, erisadas, as crisalidas de mil esperanças.

Olhos postos no ceu, a Providencia por sextante, calma como o espirito do sabio, não a enredam as urzes da estrada, não a ferem as laminas finas do soffrer: avança, fada divina, crente como os sanctos, semeando no descampado da vida o rosal da felicidade, e expandindo-se como as ondas sonoras.

### *A juventude.*

Para ella a vida é um himno.

Lufadas de alegrias invadem-lhe em festa a alma aureoreal.

Alli, onde até as lagrimas são flores, é pleno abril glorioso: o inverno está distante, no poente que nunca chega... por isso, estrada além, ao vento as pregas de seda da imaginação, os olhos nos magos castellos d'oiro, vae entoando, 'num rithmo de fé, a serenata de seus sonhos.

Ha tal encanto n'aquelle rir azul-celeste, que as ondas argentinas de seu riso enleiam e vencem aquelles mesmos que já chegaram á altura da estrada, em que se vê o sendal da miragem ir em pedaços, nas preas cruas do soffrimento.

*P.º Antonio Hermano.*